

VIVÊNCIAS NA FORMAÇÃO DOCENTE EM GEOGRAFIA: CONHECENDO O ESPAÇO ESCOLAR E OS SUJEITOS DA SALA DE AULA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

EXPERIENCES IN GEOGRAPHY TEACHER TRAINING: KNOWING THE SCHOOL SPACE AND THE SUBJECTS OF THE CLASSROOM IN THE SUPERVISED INTERNSHIP

Guilherme Matos de Oliveira¹

Recebido em: 25/03/2020

Aprovado em: 29/04/2020

Publicado em: 31/07/2020

RESUMO: Este texto tem o intuito de elucidar as experiências que nos foram oportunizadas ao conhecermos o espaço escolar e os sujeitos da sala de aula na etapa de observação no estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Na composição deste texto, nos amparamos com as reflexões teóricas de Pimenta e Lima (2006), Pontuschka et. al. (2009), Kimura (2010), dentre outros autores que nos auxiliam na compreensão da temática em questão, na qual evidenciamos tanto o contexto estrutural da escola em suas características físicas, quanto a realidade conjuntural da instituição, ressaltando as ações desempenhadas pelos sujeitos que nela se encontram, e mais especificamente, das práticas pedagógicas desenvolvidas pela professora de Geografia da turma onde realizamos nossas atividades de regência, bem como a realidade social dos alunos desta classe, e suas perspectivas dentro e fora da escola. Podemos afirmar que a experiência da observação levou-nos ao questionamento de como viabilizarmos nossas práticas em sala de aula no período da regência, sendo que esta etapa do estágio fomentou a busca de possibilidades metodológicas de intervenção que coadunassem ao perfil da turma onde desenvolveríamos nossas práticas pedagógicas, no propósito de relacionar mais profundamente os conteúdos trabalhados à realidade de cada aluno, objetivando despertar nos mesmos a curiosidade de entenderem o real concreto a partir do que se estuda na Geografia, ao passo que alcançamos os resultados esperados, e claro, com a colaboração de todos os pares envolvidos neste processo.

PALAVRAS-CHAVE: Escola; Estágio Supervisionado; Geografia.

ABSTRACT: This text aims to elucidate the experiences that were given to us when we got to know the school space and the subjects from the classroom in the observation stage in the supervised internship of the Geography Degree course at the State University of Southwest Bahia (UESB). In the composition of this text, we are supported by theoretical reflections of Pimenta and Lima (2006), Pontuschka et al. (2009), Kimura (2010), among other authors that help us understand the subject in question, in which we highlight both the structural context of the school in its physical characteristics and the conjunctural reality of the institution, highlighting the actions performed by the subjects who are in it, and more specifically, the pedagogical practices developed by the Geography teacher of the class where we conduct our conducting activities, as well as the social reality of students in this class, and their perspectives inside and outside the school. We can say that the observation experience led us to question how to make our practices in the classroom viable during the period of conduct, this stage of the internship fostered the search for methodological possibilities for intervention that would be in line with the profile of the class where we would develop our pedagogical practices, in order to relate more deeply the contents worked to the reality of each student, aiming to awaken in themselves the curiosity to understand the real concrete from what is studied in Geography, while we achieve the expected results, and of course, with the collaboration of all peers involved in this process.

KEYWORDS: School; Supervised Internship; Geography.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGEO-UESB). ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5435-5139> E-mail: ggui995@gmail.com.

OLIVEIRA, G.M.

Introdução

Diante da construção do conhecimento gestado no processo formativo de um futuro professor – mais especificamente de licenciandos em Geografia – percebe-se que a teoria articulada à formação de professores toma concretude na prática, sendo que esta relação possibilita aos acadêmicos mediar as informações científicas adquiridas dentro da Universidade por meio de sua consolidação na experiência concreta da docência.

Ao encontro desta leiura, Kimura (2010) destaca que a prática do professor em Geografia perpassa por uma construção que depende de sua intervenção pedagógica. Nessa perspectiva cabe, na aprendizagem escolar, promover um contexto interativo, vislumbrando um processo dialógico que cadencie a relação do aluno com a compreensão do real, na intenção de que esta realidade seja incorporada ao conhecimento que os alunos interiorizam, cada qual à sua maneira.

Frente a essa necessidade, a atualidade da qualificação docente busca sistematizar os saberes teóricos apreendidos, discutidos, analisados e construídos no campo acadêmico vinculados às vivências e as práticas pedagógicas desenvolvidas no espaço da educação básica, relação esta na qual tem sido fundamental no processo formativo da prática docente. Contudo, há inúmeros desafios que venham a emergir no decorrer do curso, seja no prosseguir dos estudos acadêmicos ou até os impasses – individuais e/ou coletivos – que possam surgir no ambiente escolar.

Ancorados à esses desafios, os problemas conjunturais que se encontram no espaço escolar, como a ausência de investimentos públicos que supram as reais necessidades desse espaço que reverberam na falta de infraestrutura, desvalorização de seus profissionais, condições precárias de um efetivo trabalho pedagógico, dentre outros percalços, e que não se desvinculam de um contexto maior, na qual a sociedade passa por constantes transformações de valores e de comportamentos diante à rapidez da tecnologia e das informações difundidas mundialmente, vem a limitar, dessa forma, a promoção efetiva de uma educação de qualidade em sua totalidade, considerando não apenas uma construção de conhecimentos advindos da ciência, mas também uma construção didática que vislumbre sujeitos emancipados, e conseqüentemente, atuantes no espaço que fazem parte. Observa-se então que a formação de professores vem sendo – e deve ser pensada – diante das questões políticas, sociais e econômicas que giram em torno dos alunos da educação básica e dos seus rebatimentos nas competências e habilidades concebidas no “chão” da escola.

OLIVEIRA, G.M.

Ao ponderarmos sobre nossa passagem no curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), cabe considerar que mesmo diante o “peso” que se assume ao estudar no nível superior, é preciso reconhecer que o desafio primeiro se deu no optar pelo ofício da docência e que, diante a escolha feita, houve um estímulo para que continuasse no processo formativo. Considera-se esta escolha um desafio, visto que o contexto hodierno tem desprevilegiado o exercício desses profissionais e que por consequência, vem desmotivando muitos jovens a seguir a carreira de professor. Todavia, “as demandas sempre estarão presentes, as barreiras continuarão aparecendo, mas, termos consciência de quais são esses entraves é o que nos permite transformar.” (RICHTER, 2013, p. 122).

Durante o percurso formativo toma-se conhecimento do imenso e intenso arcabouço teórico que a academia produz e proporciona e de sua possibilidade de transformação via metodologias e planejamentos pedagógicos construídos, despertando em nós a vontade de atuar na docência. Assim, houve uma concisa motivação para o prosseguir da formação e ir ao encontro do espaço da educação, na qual acreditamos ser pautado para além de um postulado produtivista – preparando sujeitos para o trabalho – mas também para a construção/ação de sujeitos que pensem e lutem por melhores condições de vida e trabalho.

Sendo o estágio supervisionado parte integrante na formação da prática docente, o mesmo tem proporcionado aos licenciandos vivências e ações na escola, dentre elas a observação do seu dia-a-dia, ato este de grande relevância, pois “a observação permite, pois, a apreensão da realidade.” (SILVA e ARAGÃO, 2012, p. 53). Este processo possibilita ao futuro professor experienciar o contexto estrutural e social do ambiente escolar, ao tempo em que contribui com a constituição do profissional docente. Vale ressaltar que o estágio enquanto:

[...] atividade curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, este sim objeto da práxis. Ou seja, é no trabalho docente do contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá. (PIMENTA e LIMA, 2006, p. 14).

A partir dessa premissa, este artigo objetiva evidenciar um passo importante na trajetória do Estágio Supervisionado – enquanto requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB),

OLIVEIRA, G.M.

sendo a supracitada atividade realizada no último semestre do curso, em meados de 2018 – que foi de de conhecermos, por meio da etapa de observação, os espaços da escola e os sujeitos sociais (professora e alunos) junto aos quais desenvolvemos nossas ações de regência em sala de aula.

Em vista de sistematizarmos a presente análise, utilizamos alguns procedimentos metodológicos, sendo eles a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica; ao passo que num primeiro momento realizamos uma busca aos nossos apontamentos contidos no relatório do estágio supervisionado para analisar mais especificamente a fase de observação, na intenção de evidenciar como foi produzido o ensino de Geografia da unidade escolar no período em que estagiamos, tanto na dimensão estrutural do espaço escolar quanto na contribuição dos diversos sujeitos (estagiário, professor regente e alunos da turma) para o avanço do processo de ensino e aprendizagem da disciplina em sala de aula. Num segundo momento nos ancoramos na pesquisa bibliográfica, contando com algumas discussões que versam sobre a formação de professores, estágio supervisionado e ensino de Geografia, a exemplo das reflexões teóricas de Pimenta e Lima (2006), Pontuschka et al. (2009), Kimura (2010), dentre outros autores que nos auxiliam na compreensão da temática em questão para a composição deste texto.

CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR

O espaço escolar, na sua totalidade, se constitui para além da sua estrutura física, se sustentando, paulatinamente, no intuito de orientar sujeitos e promover uma educação de qualidade perante a sociedade na qual se materializa, ao passo que esta realidade deve ser balizada na construção de conhecimentos, e que estes sejam significativos no processo de ensino e aprendizagem, sempre levando em conta os saberes, a reflexão e a ação dos que fazem parte desse contexto.

Levando em conta as características estruturais da escola e do aparato que se encontra na mesma para o envolvimento dos sujeitos que nela se inserem, ressalta-se que seus recursos materiais e didáticos devem proporcionar condições necessárias para o pleno cumprimento das suas atividades administrativas e pedagógicas, objetivando a efetivação das funções atribuídas ao seu corpo docente e demais funcionários, refletindo no desenvolvimento tanto cognitivo quanto crítico dos seus alunos.

OLIVEIRA, G.M.

As atividades pedagógicas a qual foram realizadas as atividades do estágio aconteceram no Centro Noturno de Educação do Estado da Bahia (CENEB), localizado no Bairro Recreio, zona leste da cidade de Vitória da Conquista. Uma das peculiaridades de suas instalações é de que a referida escola se abriga no mesmo prédio ao qual funciona o Instituto de Educação Euclides Dantas (IEED), popularmente conhecido como “Escola Normal”, fundado no ano de 1952. Portanto, mesmo que o CENEB tenha iniciado suas atividades em 2013, sua estrutura física é datada de, aproximadamente, 67 anos.

Para que esta Unidade Escolar venha a ser atendida nas suas demandas – posto que é considerado um grande complexo educacional, e mesmo que possua um mobiliário relativamente antigo em relação às demais escolas estaduais da cidade – em seu prédio se encontram: vinte salas de aula – aproximadamente, sala da direção e do corpo administrativo, secretaria e reprografia, sala dos professores, copa, quatro banheiros, sala de vídeo, auditório, bem como áreas verdes para interatividade dos alunos. Cabe destacar que seus recursos didáticos como datashow e livros didáticos são disponibilizados pela escola mediante agendamento de cada professor em seu horário de aula. Em relação aos livros, como são poucos exemplares, são utilizados somente para as atividades em sala.

Atualmente, seu funcionamento acontece no período noturno, das 19 as 22h, atendendo 885 alunos, distribuídos em 22 turmas nas modalidades: Ensino Médio regular e EJA – esta última organizada em Tempos Formativos (eixos e etapas) concomitantes aos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Seu quadro docente é composto de aproximadamente 20 professores permanentes e os demais em caráter de Regime Especial de Direito Administrativo – REDA, e de substituição. Na sua maioria possui especialização, sendo 3 com mestrados concluídos e 1 em curso, além de 1 doutorado também em curso; ao tempo que dispõe de quatro professores de Geografia e funciona sob gestão de diretora e vice-diretora.

EVIDÊNCIAS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DA PROFESSORA DE GEOGRAFIA

No processo de ensino e aprendizagem, o professor é o protagonista na construção do saber escolar. É a partir dos conteúdos teóricos que carrega consigo aliados às suas experiências na prática da docência que é exercitada a partilha desses saberes. Ao professor não cabe apenas repassar os conteúdos voltados à disciplina de

OLIVEIRA, G.M.

Geografia, mas trazer os alunos para uma construção coletiva da aquisição de conhecimentos, associada às vivências desses sujeitos nos espaços em que se encontram socialmente, no fomento de uma prática voltada à formação intelectual e profissional, pautada na criticidade e impulsionando os alunos a serem sujeitos atuantes nos seus estudos. Essa realidade:

[...] pressupõe uma mudança de atitude perante o conhecimento. Significa ultrapassar a visão da prática pedagógica como simples transmissão de um conhecimento pronto e acabado que os alunos não possuem e implica outra concepção de educação, de acordo com a qual o conhecimento é visto à luz de seu processo de produção e apropriação, como produto social de contextos históricos determinados – revelando-se, portanto, algo provisório, em permanente processo de construção e reconstrução. (PONTUSCHKA et al., 2009, p. 96).

Entende-se então que a prática docente é composta por um conjunto de estratégias para a mediação dos conhecimentos. O processo de formação do professor, seu posicionamento político, o cotidiano escolar, as suas experiências dentro e fora da sala de aula, refletem na forma de o profissional planejar e executar suas aulas. Desse modo, a experiência do estágio durante o período de observação, bem como a conversa com a professora regente, norteada por meio de uma entrevista e sistematizadas neste texto, possibilitou a construção do perfil da docente da turma onde realizamos o estágio, e a maneira como ela se organiza para exercer seu ofício.

A professora-regente é graduada em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Vitória da Conquista. Na mesma instituição a professora cursou especialização em Ensino de Geografia, especialização em Ciências Ambientais, e também possui graduação em Direito. Para além do contexto da escola, a profissional trabalha no comércio local na função de gerente, como um complemento de renda mensal.

A professora-regente trabalha especificamente com o ensino de Geografia há 20 (vinte) anos. Não é por um acaso que ela possui domínio dos conteúdos voltados à disciplina de Geografia.

No que diz respeito à educação, a docente enfatiza que a educação “é o carro chefe do desenvolvimento de qualquer nação”. Segundo ela, seja no coletivo ou individual, “é uma questão de desenvolvimento pessoal, de aprimoramento como ser humana”. Para a professora, a felicidade está atrelada também à educação.

OLIVEIRA, G.M.

Ao tratar do ensino de Geografia, destaca que o ensino da disciplina na rede pública deixa a desejar, a começar pelo tempo corrido das aulas e pela quantidade reduzida das mesmas. De acordo com a docente, faltam recursos que possibilite “sair das paredes da sala de aula”; ressaltando que a Geografia faz parte da vida das pessoas, e a Geografia deve ser associada a vivência dos alunos. Segundo a professora o ensino da Geografia pode avançar, mas para que isso aconteça é necessário levar em consideração o contexto dos alunos ao que estudam.

No que se refere ao planejamento, a professora acredita que um planejamento mais amplo entre disciplinas seria mais eficaz, no entanto isso no momento não tem sido possível, pois umas das inviabilidades está relacionada ao tempo da aula que é de 40 minutos, ficando a cargo de cada professor “dar conta” de uma determinada turma, com conteúdos específicos. O professor tem sobrecarga em sala de aula e ainda leva trabalho para casa, é uma realidade um tanto complexa. A falta de tempo suficiente para os planejamentos são um empecilho em meio ao processo de construção do saber.

Quando o assunto é avaliação, a docente coloca que uma palavra resume: “anacrônica”. Não condiz com a atual conjuntura, apontando que a avaliação em muitas vezes não passa de um meio de repressão.

No que se refere ao livro didático, a professora aponta que ele é um recurso muito utilizado por ela e seus colegas na escola. Para a mesma, o livro didático funciona como um suporte dentro da sala de aula, contudo os professores tentam enriquecer as aulas com outros recursos, apontando que os conteúdos são adequados aos critérios estabelecidos pelos sistemas de educação: “o MEC dita as regras e os livros são construídos a depender dos seus critérios”, afinal vivemos num contexto de sociedade capitalista. De um modo geral é uma “mão na roda”.

Para a professora-regente são várias as dificuldades enfrentadas no exercício da docência, dentre elas a dupla e exaustiva jornada de trabalho semanal e a falta de incentivo governamental, a falta de dedicação aos estudos pela maioria dos alunos, a falta de interesse da família que acha que a escola por si só resolve as questões ligadas à educação, entre tantas outras situações.

A regente aponta que os recursos da escola tem sido cada vez mais escassos, e que esse problema tem seus rebatimentos no corpo discente, não tendo base para desenvolver seus estudos com qualidade. Ela resalta que os alunos já são desmotivados e sem interesse de continuar os estudos, porque trabalham o dia inteiro e fazem um

OLIVEIRA, G.M.

grande esforço para estarem na escola, além de terem outros problemas de cunho pessoal, afinal são adultos. Os professores tentam transmitir o conteúdo, mas em tais condições se torna inviável.

O futuro do ensino de Geografia numa modalidade tradicional está comprometido, sob o ponto de vista da professora, e que ao “se embaraçar” com outras áreas do conhecimento, principalmente as disciplinas das áreas de humanas, tais como Filosofia, Sociologia, dentre outras, não ocupa um espaço significativo na aprendizagem dos alunos. Para a mesma, o ensino da ciência geográfica precisa ser cada vez mais libertador.

A partir de seu depoimento, cabe afirmar que a professora regente vem sendo comprometida no lecionar Geografia e busca, de forma consciente, em colaborar com a formação dos seus alunos.

EXPECTATIVAS E DESAFIOS DOS ALUNOS DA SALA DE AULA

Vivenciar o processo do estágio na formação à docência foi extremamente importante e necessário, uma vez que já vínhamos sendo imersos no universo do ser professor de Geografia por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID da UESB desde o ano de 2016, ao passo que o estágio supervisionado veio a reforçar as atividades que desenvolvíamos no programa, e possibilitou com que avançássemos nossas práticas em sala de aula ao conhecermos seu contexto, dialogarmos com seus sujeitos, e buscarmos possibilidades de construção do processo de ensino e aprendizagem em Geografia consonante às especificidades do espaço escolar do estágio.

Apesar da importante confluência dessas experiências, os desafios surgem quando estamos situados em uma nova realidade educacional, e por conta de termos realizado nosso estágio no turno noturno, presenciamos e compartilhamos das dificuldades constantes que os professores e, principalmente, seus estudantes enfrentam na construção dos espaços de um saber emancipatório, seja em questões do âmbito da própria escola quanto de trabalho, família, entre outras que estão associadas ao cotidiano desses sujeitos, e que precisavam ser consideradas para pensarmos nossas estratégias para a fase da regência na turma.

OLIVEIRA, G.M.

Diante da novidade estabelecida pela nossa inserção enquanto professor estagiário na turma do 2º B do Ensino Médio do CENEB, a priori se demonstra uma inquietude por parte dos alunos, posto que já estavam acostumados com a professora regente. Tornou-se essencial, dessa forma, realizar um diagnóstico da turma com o objetivo de conhecê-la em seus aspectos socioeconômicos e diante das história de vida de seus alunos, na qual a dimensão educacional toma destaque; tornando possível, dessa forma, minimizar barreiras e/ou dificuldades que pudessem surgir durante o percorrer do estágio.

A turma era formada por 45 alunos, subdivididos em 23 do sexo masculino e 22 do sexo feminino, com idades entre 16 a 24 anos, cada qual com seu modo de vida, comportamento, personalidade e aprendizagens próprias. Destaca-se que alguns deles demonstravam o interesse em viver e aproveitar do que a escola proporcionava, desde projetos internos e externos na qual a escola estava envolvida, até no interesse em conhecer e estudar mais profundamente o espaço na qual se insere por meio da ciência geográfica, dada a participação nas aulas e atividades propostas durante a unidade.

Para que se estabelecesse o perfil da turma e por ele fossem organizados propostas de planos, conteúdos, bem como na elaboração de materiais e de estratégias que viessem a dinamizar as aulas de acordo às habilidades e/ou dificuldades expressas por cada aluno, foram aplicados aos mesmos questionários, sendo que ao mesmo tempo foram produzidos textos autobiográficos por eles próprios, posto que no dia desta investigação se encontravam na sala de aula 33 alunos.

No propósito de conhecer a origem e local de nascimento de cada aluno, foi constatado que 91,2% dos entrevistados são naturais da cidade de Vitória da Conquista, e cerca de 8,8% são naturais de outras cidades da região sudoeste da Bahia, como Barra do Choça, Itambé, Anagé; bem como de outras partes do país, a exemplo do Estado de São Paulo.

Ao prosseguir dessa investigação, houve a necessidade de estabelecer uma delimitação geográfica dos bairros de Vitória da Conquista em que cada aluno reside. Diante disso, consta-se que 8% dos entrevistados residem no bairro Cruzeiro, 3% moram no bairro Sumaré, 3,13% no bairro Primavera, 3,13% se localizam no bairro Nova Cidade, 9,55% mora no bairro Pedrinhas, 3,13% habitam o bairro Felícia, 3% residem no bairro Candeias, 3,13% no bairro Miro Cairo, 6,25% tem domicílio no bairro Panorama, 3,13 são residentes no bairro Recreio, 3,13 moram no bairro Centro, e significativos 44,8% dos

OLIVEIRA, G.M.

alunos moram no povoado da Estiva, zona rural do município. Os demais alunos – 6,62% – não responderam a este quesito.

Em seguimento a este estudo, constatou-se que (por unanimidade) os entrevistados tem como estado civil solteiros, mesmo que alguns deles já formam, maritalmente, uma família com ou sem filhos, outros morando com seus pais e algumas das alunas serem mães solteiras.

Para além desses dados, houve o intuito de verificar qual meio de transporte cada aluno utiliza para chegar à escola. 88,3% dos alunos entrevistados disseram que utilizam o transporte coletivo para chegar à escola, dadas as distâncias de suas residências em relação à escola. Este dado mostra, expressivamente, a dependência destes alunos em se locomoverem de casa ao ambiente escolar. Os demais alunos se deslocam utilizando suas motocicletas, 3,3%; e os outros 8,4% vão para a escola a pé.

Questionados se já possuíam algum vínculo trabalhista (visto que estas ocupações de algum modo podem comprometer o desenvolvimento dos alunos no processo de aquisição de conhecimentos e construção das suas aprendizagens), e de acordo com as informações por eles disponibilizadas, certifica-se que 58,2% dos entrevistados não possuem trabalho, enquanto 41,8% exercem atividades remuneradas, distribuídas nas funções de: motoboy, atendente de loja, atendente e estoquista de supermercado, estagiário 'jovem aprendiz', babá em casa de família, funcionários de indústrias de pequeno e médio porte, feirantes, ou até mesmo em atividades comerciais da própria família. Assim, percebe-se que muitos deles, de forma concomitante e com muito esforço, buscam trabalhar durante o dia na garantia de renda mensal para eles próprios e/ou da sua família, e tem a possibilidade de estudarem à noite.

Por esta realidade, e observando – pela análise dos textos – que estes alunos enfrentam inúmeras e constantes limitações e dificuldades no tocante à questões de cunho familiar, afetiva, psicológica, econômicas, sociais; e que muitas vezes refletem em suas vivências e ações dentro e fora do contexto escolar, em que a dimensão pedagógica torna-se desafiadora no prosseguir dos estudos. Contudo, mesmo que estes fatores implicam de forma desfavorável no crescimento destes sujeitos, cabe afirmar que ainda se desperta neles a inquietude, a preocupação e o entusiasmo para continuarem suas trajetórias na escola, uma vez que parte importante das vivências e relações sociais desenvolvidas por estes alunos aconteceram/acontecem por meio dela.

OLIVEIRA, G.M.

Nessa abordagem, o ensino de Geografia se renova e torna-se capaz de explicar o real, de fazer com que o aluno possa entender suas relações, identificar-se com os fatos, com os lugares e o movimento da sociedade, inserindo-se e percebendo-se incluído nessa dinâmica. (SILVA e ARAGÃO, 2012, p. 58).

Diante da totalidade destes alunos, percebe-se ainda que os anseios de transformação social e emancipação humana, traduzidos no relato dos mesmos, colocam em evidência a relevante contribuição da dimensão educacional dentro das realidades/realizações destes jovens, na qual eles adquirem a consciência de que aquilo que se aprende e vive na escola, mediante as práticas pedagógicas desenvolvidas por ela, se associam à realidade social na qual estão presentes e, conseqüentemente, vão garantindo a possibilidade de reprodução social e de um futuro melhor.

Ainda sobre os relatos dos alunos, visualizamos diante das lembranças e memórias de cada um, que carregam consigo significativos momentos vivenciados no contexto da escola, desde atividades realizadas em sala de aula, projetos interdisciplinares envolvendo cultura e esporte, conquistas, derrotas, amizades construídas e desfeitas; bem como o conhecimento adquirido durante os anos como ferramenta para a conclusão dos estudos na educação básica (mesmo que mostraram limitações para estudar nas aulas) visando, posteriormente, cursarem uma faculdade e dela garantirem sua estabilidade financeira e social pela via do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No exercício da mediação didática dos conhecimentos adquiridos durante a licenciatura, sendo estes relacionados à compreensão do espaço geográfico e da sua sistematização na relação intrínseca entre sociedade e natureza mediada pelo trabalho humano que é produzido cotidianamente, o período do estágio supervisionado em Geografia da UESB têm motivado os futuros docentes a investigar, indagar e produzir o campo na qual desenvolverá seu ofício de professor: o “chão” da escola.

Este exercício, inerente à formação dos licenciandos, não se compõe a uma tarefa simples – nesse caso, no que se tange aos saberes geográficos – uma vez que boa parte dos alunos da educação básica concebem esta disciplina de forma descritiva e, por consequência, decorativa. Em virtude disso, há a necessidade de se reportar às

OLIVEIRA, G.M.

ferramentas nas quais o estagiário se dispõe para que o conhecimento na qual possui seja atingido da melhor forma possível à leitura de mundo de cada um dos seus alunos.

As experiências firmadas no período de observação levaram-nos ao questionamento de como viabilizarmos nossas práticas em sala de aula no período da regência, sendo que esta etapa do estágio fomentou a busca de possibilidades metodológicas de intervenção que coadunassem ao perfil da turma onde desenvolveríamos nossas práticas pedagógicas, no propósito de relacionar mais profundamente os conteúdos trabalhados à realidade de cada aluno, objetivando despertar nos mesmos a curiosidade de entenderem o real concreto a partir do que se estuda na Geografia. Além disso, as formas de intervenção foram pensadas minuciosamente, de forma que a comunicação utilizada na mediação dos conhecimentos fosse amplamente atingida aos integrantes da turma.

Uma das situações comprometedoras durante o percorrer do estágio foi no tocante à proximidade de idade do estagiário com os alunos da turma, de forma que alguns dos mesmos, num primeiro momento, acreditassem que a nossa atuação no período da regência fosse pautada na flexibilidade. No entanto, nos propomos a trilhar um caminho oposto, sendo que nossa postura (mesmo que em alguns períodos necessitasse de nos expressarmos informalmente) se respaldou na perspectiva da seriedade, na qual o ofício exige e que leva a busca de uma construção identitária dentro da relação professor-aluno, não somente pautada no campo da construção de conhecimentos, mas sobretudo na construção de sujeitos críticos e atuantes na sociedade na qual estão presentes.

Estes princípios que nos motivaram a superar as dificuldades que surgiram durante o período da regência, pois mediante a experiência do estágio percebemos a dimensão da importância que se tem o professor na formação de seus alunos, despertando-nos para uma atuação coerente em sala de aula.

Desse modo, podemos concluir que o conhecimento sistematizado no campo da ciência geográfica vem sendo constantemente produzido, pois seu objeto de estudo (o espaço geográfico) é concomitantemente reproduzido diante das transformações que se estabelecem nas relações sociais, e que garantem novas formas de se pensar o espaço em que vivemos na sua totalidade, posto que, de forma singular, temos a pretensão de desenvolver nossa profissão nas trincheiras da escola.

Assim, surgem durante o caminho da docência inúmeros questionamentos, aos quais nos condicionam a pensar e repensar o ensino desta ciência, sendo que durante o

OLIVEIRA, G.M.

exercício de conhecer tanto o espaço escolar quanto os sujeitos da sala de aula, foram consideradas as experiências vivenciadas no cotidiano de cada situação, e de como estas elucidavam a materialidade das relações sociais desenvolvidas no espaço escolar; posto que partindo desse contato, foi-nos oportunizado desenvolver um processo de ensino e aprendizagem significativo no decorrer do estágio supervisionado na turma, ao passo que alcançamos os resultados esperados, e claro, com a colaboração de todos os pares envolvidos neste processo.

REFERÊNCIAS

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Póiesis Pedagógica**, Catalão, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib et al. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

RICHTER, Denis. Os desafios da formação do professor de Geografia: o estágio supervisionado e sua articulação com a escola. In: SILVA, Eunice Isaias da; PIRES, Lucineide Mendes (Orgs.). **Desafios da didática de Geografia**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2013, p.107-122.

SILVA, Nubelia Moreira da; ARAGÃO, Raimundo Freitas. A observação como prática pedagógica no ensino de geografia. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 50-59, jul. / dez. 2012.

Como citar este artigo (ABNT)

OLIVEIRA, G.M. **Vivências na formação docente em geografia: conhecendo o espaço escolar e os sujeitos da sala de aula no estágio supervisionado**. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 7, n. 2, p. XXX-XXX, 2020. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

OLIVEIRA, G.M. (2020) **Vivências na formação docente em geografia: conhecendo o espaço escolar e os sujeitos da sala de aula no estágio supervisionado**. Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Revista Iniciação & Formação Docente

V. 7 n. 2 – 2020

ISSN: 2359-1069

OLIVEIRA, G.M.



INICIAÇÃO
&
FORMAÇÃO
DOCENTE

